

O conceito de agressividade na obra de Winnicott *

Maria Cecília Fernandes Tommasi **

No campo da psicanálise, Winnicott projetou-se de forma bastante peculiar. Diferentemente da tradição, veio a rejeitar toda a estrutura básica da teoria freudiana, a metapsicologia. O psiquismo era visto como um fenômeno natural, fazendo parte da natureza e, Winnicott, afastando-se desse biologismo de Freud, bem como de seu princípio de causalidade, levou-nos a falar, então, de um novo paradigma winnicottiano dentro da psicanálise.

Segundo esse autor, o indivíduo é um potencial herdado que cresce e aparece, em certo sentido, sempre superior ao real. Afirma que antes de ser uma realidade, o homem é uma possibilidade, é a realização desse potencial herdado no tempo. Nesse sentido o homem é, então, uma amostra temporal da natureza humana, sendo seu *self* uma realização desse potencial humano de ser em si mesmo.

Winnicott vai estudar o amadurecimento desse potencial humano que passa por certos estágios que ocasionam determinados estados, sendo estes amostras desse potencial de ser. Esse potencial é aquilo que o indivíduo é antes de ser qualquer coisa. Esses processos de maturação vão se dar num intervalo entre dois estados de não-vida. Diferentemente de Freud, para o autor, o indivíduo é uma continuidade de ser irreduzível ao orgânico, não havendo oposição entre o orgânico e o inorgânico. Nesse sentido, ser humano é um poder ser que se temporaliza, é uma manifestação de poder ser num tempo, num intervalo entre a vida e a não-vida. Nesse círculo, o ser humano vai da não-vida para um estágio de solidão essencial, seguido por um estágio de dupla dependência, por um estágio transicional (afastamento entre o si-mesmo bebê e o ambiente), seguindo-se uma fase de separação sujeito objeto e um estágio de preocupação primária. Cada estágio recebe o nome da formação de ser que lhe é básica e cada um tem um estado, um modo de ser que o caracteriza.

Nesse trabalho darei ênfase à fase de separação sujeito objeto que nos levará à articulação dos conceitos de uso do objeto e da agressividade.

Para Winnicott, como já vimos, a não-vida não é o inorgânico e a vida não é o orgânico, a vida é *vivacidade*. O autor optou não pelo dualismo, mas sim por uma unidade originária. No lugar de um instinto de morte em oposição

RESUMO

A autora propõe a apresentação de um dos conceitos fundamentais na obra do psicanalista inglês Donald W. Winnicott, com o objetivo de discutir algumas vicissitudes do processo de construção da realidade no desenvolvimento infantil.

A partir da introdução do conceito de uso de objeto, Winnicott propõe o entendimento da agressividade num sentido diverso do compreendido até então na psicanálise tradicional, como sendo uma simples reação à frustração imposta pelo contato com o meio externo.

Ao contrário, a autora tenta mostrar que é a partir da agressividade que o bebê entrará em contato com o mundo real, com o mundo dos objetos.

UNITERMOS

Agressividade; *Uso do objeto*.

* Trabalho de conclusão do curso de Práticas Clínicas, ministrado pelo Prof. Zeljko Loparic no Programa de Estudos Pós-Graduados de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em agosto de 1996.

** Psicóloga do Centro de Reabilitação e Hospital Dia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Mestranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ao instinto de vida, W. falando dessa unidade, fala de um *drive* primitivo, um impulso. Não considera o instinto de morte, mas sim um *drive* de agressão. Contudo, essa agressão também tem um sentido próprio, na verdade é uma tendência a se mover e encontrar algo (“something, somewhere”), é uma experiência de movimentação de encontro do outro sendo, então, uma aquisição positiva e até constitutiva. Existem muitos instintos e biologicamente o homem é animal; a diferença aparece no nível dos *drives*, no nível de elaboração psíquica dessas forças. A necessidade surge do ser e portanto ela não é um instinto.

Winnicott dá muita ênfase ao ambiente e, assim como o filósofo alemão Heidegger², para o qual *o estar no mundo é imediatamente o estar com os outros*, qualquer maneira de existir tem de ser oferecida pelo outro e nesse sentido o problema de realidade em Winnicott é anterior a qualquer questão pulsional. Nós, antes de sermos pulsões, somos tensões. Também, da mesma forma que Heidegger vai falar da existência a partir da ocupação das coisas, W. vai falar do ser a partir do uso do objeto (quando eu uso as coisas, elas existem para mim). Em W., o uso constitui o mundo quanto à perceptividade das coisas e ser e manifestar-se são as mesmas coisas (em Heidegger, ser é aparecer).

A primeira maneira de se perceber o que está lá é a criação originária e Winnicott fala, então, de uma criatividade primária que envolve o conceito de uma projeção primária de algo que é criação absoluta do sujeito. Esse conceito de projeção difere do de Klein, para quem os objetos são introjetados (incorporação) e projetados para fora (excreção). Essa projeção não é uma criação primária, não havendo uma criatividade primária. Para Klein, o mundo é dado por pressuposto e o indivíduo sequer pode criar os aspectos. Só há classificação e ordenação, e o sujeito nunca vai criar um estilo de vida bom a partir de si, mas sempre baseado na assimilação do bom que vem de fora. O potencial criativo é o que gera no bebê a ilusão de que ele criou o mundo e o si-mesmo verdadeiro é originado por esse potencial. Nesse sentido o ato de criar não sai da mente do indivíduo, mas da necessidade de seu ser sendo o objeto da criação a própria continuidade do ser. O ser humano, mesmo sabendo que o mundo sempre esteve aí, guarda a idéia de que o mundo foi criado.

O mundo é criado (objetos subjetivos constituem o mundo) novamente pelo ser humano logo no início de sua vida, já desde o nascimento e da primeira mamada teórica. “Existe um potencial criativo e aquilo que o bebê cria depende em grande parte daquilo que lhe é apresentado no momento da criatividade pela mãe que se adaptará às necessidades do bebê. O bebê cria significados.”⁶ No início, o bebê tem a ilusão de que o que ele encontra foi por ele criado. Esse conceito de

ilusão é fundamental para entender o desenvolvimento do indivíduo no alcance de sua integração. É nesse momento que com a ajuda de um ambiente facilitador, o bebê experimenta um sentimento de onipotência pela criação e recriação do objeto, e, nesse sentido, o bebê em *holded* vai ter sua tarefa de integração facilitada. Há uma vivência de fusão, de unidade total em que o seio terá duas faces; uma voltada totalmente para o bebê que, recriada por ele, pode ser perfeitamente distinta da que é apresentada pela mãe. A apresentação de objetos feita pela mãe favorece a criação da ilusão de contato. Não é uma criação no nível de representação: o bebê não vê a mãe, é um contato não-mental (esse contato é pré-representacional). Essa experiência criativa é propiciadora de determinados modos de ser caracterizados por um “pré-mundo” subjetivo, anterior às coisas objetivamente percebidas. Esse seio ainda não é contato com o real externo, e o bebê se auto-engana. Ele transforma o externo que ele encontrou no subjetivo sobre o qual ele criou. A mãe ajuda nessa ilusão (ela apresenta a primeira situação no mundo). É um real que é subjetivo, e não externo. Esse contato é uma espécie de controle onipotente, é uma ilusão de controle onipotente sobre o seio favorecido pela apresentação do mesmo pela mãe. “A adaptação ao princípio de realidade deriva espontaneamente da experiência da onipotência dentro da área que faz parte do relacionamento com os objetos subjetivos.”⁵ Winnicott diz que o bebê se amamenta no seu *self*.

Aqui podemos citar o importante conceito de objeto transicional desenvolvido pelo autor. Esse objeto “é ao mesmo tempo o bebê (a extensão onipotentemente criada de si próprio) e o não-bebê (um objeto descoberto por ele que se acha fora de seu controle onipotente).”¹ O objeto transicional implica a imaginação para recuperar a completude, articulando a recuperação da figura materna, é a primeira organização que tende à simbolização que articula a experiência existencial do bebê de ser, de existir. Essa articulação simbólica vai se dar no espaço transicional ou espaço potencial constituindo uma área intermediária do experimentar que jaz entre a fantasia e a realidade, “entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido entre as extensões do eu e do não-eu.”⁴

O contato com o real externo vem da *desilusão*, quando o bebê pode ver que a identidade dele com o objeto foi só uma ilusão. A mãe mesma desilude! O bebê só desenvolve o princípio de realidade quando ele pode levar em conta a independência das coisas. Nesse sentido, há um teste de realidade que não pressupõe a realidade, mas que gera a mesma. O ambiente tem de facilitar que o bebê crie seu próprio sentido de realidade para que depois ele próprio possa sentir a realidade. Contudo, é o impulso destrutivo que cria a qualidade de externalidade. É pela destruição

dos objetos que o bebê descobre o mundo como estando lá desde sempre. O que muda no objeto não é a propriedade do mesmo, é o sentido de existir, o modo como ele se manifesta; é a transição do mundo dos objetos subjetivos para os objetos objetivamente percebidos **estando esse caráter positivo da agressividade ligado à capacidade de se usar o mundo externo**. Diferentemente de Klein para Winnicott, a relação de objeto só é possível depois da subjetividade constituída.

Winnicott coloca a teoria da agressividade no interior da teoria de integração. Não vê a agressão como um elemento de constituição dessa unidade, pois não há dualismo inicial. A função da destruição é permitir que o bebê saia do mundo subjetivo para o objetivamente percebido. Então, em Winnicott, pulsão é destruição e, no entanto, ela é um fator de unificação, é uma passagem maturacional que provoca o amadurecimento do indivíduo sem quebrar sua unidade primária. É uma condição de possibilidade de uma construtividade posterior. "Entende-se, em geral, que o princípio da realidade envolve o indivíduo em raiva e destruição reativa, mas a tese de Winnicott é de que a destruição desempenha seu papel na construção da realidade, situando o objeto fora do self".³

Primeiro há só uma pulsão: a destruição ou pulsão combinada amor/conflicto (fusão original de amor e agressão). O ser humano não é agressivo em sua origem, a qualidade destrutiva é simplesmente um sintoma do estar vivo, não é o princípio de uma não-unidade, é uma etapa do desenvolvimento. É a chamada destrutividade primária, que consiste em um modo de preservar a unidade sem riscos (é um estado de excitação e não de frustração). Para integrar é necessário separar e, nesse sentido, a destruição é integradora. Nesse sentido o indivíduo tem de ser capaz de passar de um controle onipotente na ilusão do contato com o real subjetivo (criatividade) para um controle limitado, um contato agressivo, mas que permita o uso do objeto. Para Winnicott, a teoria da agressividade em Freud é falsa, pois ela deixa de lado dois aspectos da agressão: aquele inerente aos impulsos do amor primitivo (no estágio anterior ao *concern*, independente das reações às frustrações) e aquele pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão, que o obriga a reagir.

Mas em que consiste usar um objeto? Segundo Winnicott "para usar um objeto, o sujeito tem de ter desenvolvido a capacidade de usar objetos... que consiste num processo maturacional dependente de um meio ambiente facilitador. O que se situa entre o relacionar-se e o uso do objeto é a colocação, pelo sujeito, do objeto fora de sua área de controle onipotente, isto é, a percepção que o sujeito tem do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva e, na

realidade, o reconhecimento dele como uma entidade por seu próprio direito. A mudança (do relacionar-se para o uso) significa que o sujeito destrói o objeto."³. Nesse momento, o objeto externo perde as características dos objetos originários. Parece, então, que a agressão está sempre ligada ao "estabelecimento de uma distinção entre o que é e o que não é o eu."⁷

Um dos perigos da psicanálise é a vontade do analista saber quando o outro ainda não quer ser objeto desse saber. Se a interpretação antecede a compreensão criativa do paciente, ela o inibe, e o analista pode tornar-se perigoso, não permitindo o amadurecimento do paciente. Para que o analista possa interpretar, o paciente tem de ser capaz de colocar o analista fora da área dos objetos subjetivos, na área dos objetos de percepção. Isso é a capacidade de *usar* o analista. Novamente aqui podemos lembrar de Heidegger para quem algo só pode se manifestar como signo se antes se manifestar como instrumento.

O objeto externo é o que existe em si mesmo, pelas suas próprias qualidades. O sujeito tem de reconhecê-lo como tendo existência independente, como existindo numa realidade compartilhada. Mas isso só ocorrerá se o objeto *sobreviver* à destruição feita pelo bebê. Sendo assim, o bebê começará a viver uma vida no mundo dos objetos, a partir da aceitação da destruição contínua dos mesmos em sua fantasia inconsciente. Só assim o sujeito pode retroalimentar a substância diferente-de-mim nele mesmo. Se o objeto resiste, eu posso usá-lo. Não posso por meio de projeção chegar à existência das coisas, para tanto, preciso destruí-las. "Aqui começa a fantasia para o indivíduo podendo o mesmo usar agora o objeto que sobreviveu... o ataque raivoso relativo ao encontro com o princípio da realidade é ulterior, é um conceito mais sofisticado, pós-datado à destruição que aqui postulo. Não há raiva na destruição do objeto a que estou me referindo, embora se possa dizer que há alegria com a sobrevivência do mesmo."³ À medida que esse objeto sobrevive, ele passa a ser mais valorizado e o sujeito ama esse objeto que está continuamente sendo destruído em sua fantasia. O não-uso do objeto tem a ver com uma tentativa de proteção do mesmo pelo sujeito.

A palavra *destruição* como destruição real deve ser usada apenas para designar o fracasso do objeto em sobreviver. Caso contrário, ela pode ser vista apenas como um potencial. Contudo, o bebê, que encontra um ambiente retaliativo e invasivo, vai desenvolver-se de maneira diferente; vai achar que a reação proveniente do meio ambiente é a realidade do que deveria ser seu próprio impulso destrutivo. Esse bebê vai viver então sua destrutividade como real, não podendo vivê-la em seu mundo de fantasia inconsciente, impedindo-lhe de usar o objeto e de converter seu ódio em sinal de civilização.

Um dos objetivos na construção da personalidade é tornar o indivíduo capaz de drenar cada vez mais o instintual. Isso envolve a capacidade crescente para reconhecer a própria crueldade e aidez, que então, e só então, podem ser dominadas e convertidas em atividade sublimadas, ou seja, “o impulso construtivo está relacionado em parte com a aceitação pessoal da criança, da responsabilidade pelo aspecto destrutivo de sua natureza.”⁷

Com o desenvolvimento dessa capacidade do uso do objeto implicando a percepção da qualidade de externalidade do mesmo, a criança será capaz de colocar-se na situação de outras pessoas e identificar-se com pessoas e objetos externos. O sonhar também é uma alternativa madura para o comportamento agressivo. Só assim a criança torna-se capaz de experimentar tudo o que se encontra em sua íntima realidade psíquica pessoal, que é a base do sentimento de identidade (*self*) em desenvolvimento.

Como vimos, esses conceitos levam-nos a refletir sobre questões fundantes do indivíduo, uma das características principais da obra de Winnicott, que traz ainda consigo, como fundo, a noção de continuidade do ser em todas as suas aspectualidades. “O bebê ou a criança nunca está livre de dúvidas sobre o seu *self*, já que a tarefa da organização interior jamais se completa, pois tudo aquilo que é completado já é perturbado pela próxima experiência instintiva.”⁶

SUMMARY

The author proposes the presentation of the fundamental concepts of the English psychoanalyst's work Donald W. Winnicott, with the objective of discussing some of the vicissitudes in the process of construction of the reality in the infantile development. Starting from the introduction of the concept of object use, Winnicott proposes the

understanding of the aggressiveness in a several sense of the understood until then in the traditional psychoanalysis, as being a simple reaction to the frustration imposed for the contact with the external environment. On the contrary the author tries to show that is starting from the aggressiveness that the baby will enter in contact with the real world, with the world of the objects.

KEY WORDS

Aggressiveness. Use of objects.

Bibliografia

1. GIOVACCHINI, P.L. *Táticas e técnicas psicanalíticas: D.W. Winnicott*. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
2. HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* (parte I). Trad.: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Vozes, 1995.
3. WINNICOTT, C. *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott* / Clare Winnicott, Ray Sheperd & Madeleine Davis. Trad.: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1994.
4. WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
5. WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
6. WINNICOTT, D.W. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro, Imago, 1990.
7. WINNICOTT, D.W. *Privação e Delinquência*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

Endereço para correspondência:

Maria Cecília F. Tommasi
Av. Moema, nº 170 - conj. 106.
04048-001 - São Paulo / SP